

***O Amoroso* de José Viale Moutinho: poesia da vertigem e da erotização**

O Amoroso by José Viale Moutinho: poetry of rapture and erotization

Leonor Martins Coelho
Universidade da Madeira
Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa
lfcoelho@uma.staff.pt
Data de receção do artigo: 14-10-2020
Data de aceitação do artigo: 28-02-2021

Resumo

Através de uma leitura de *O Amoroso*, procuraremos analisar a poesia erótica de José Viale Moutinho, uma vertente pouco habitual na sua vasta produção, quer poética quer narrativa. Numa fulgurosa prova da linguagem do corpo e do amor com a própria língua portuguesa, o despertar de Eros faz ecoar misteriosos segredos que unem a carne e a letra. Sem passar pelo obsceno, a poeticidade erótica da escrita de José Viale Moutinho está alicerçada num insinuante jogo semântico para, através da vertigem e da plenitude dos sentidos, recriar um mundo de uma intimidade erotizada e fusional.

Palavras-chave: José Viale Moutinho – amoroso – erotização – vertigem – imagética.

Abstract

Through a reading of *O Amoroso*, we aim to analyse the erotic poetry of José Viale Moutinho, an unusual aspect of his vast production, both poetic and narrative. As fulgurous evidence of the language of the body and of the love for one's native tongue, the awakening of Eros echoes the mysterious secrets that unite flesh and word. Without being obscene, the erotic poeticism of José Viale Moutinho's writing is anchored in an insinuating semantic game which recreates a world of eroticized and fusional intimacy through rapture and the plenitude of the senses.

Keywords: José Viale Moutinho – amorous – erotization – rapture – imagery.

Quando sob o meu corpo
está o teu corpo
e eu nado dentro
do desejo e enlaço

os teus ombros as ancas
e o dorso
enquanto o espasmo se faz
num outro abraço
[...]

Maria Teresa Horta, “Vertigem”

Prelúdio

O trajeto literário de José Viale Moutinho é diverso, quer em termos genológicos, quer em termos de captação de públicos. Da narrativa à poesia, das recolhas de literatura popular ao ensaio sobre personalidades marcantes da cultura portuguesa contemporânea, da escrita dramaturgic à que resulta da investigação sobre a Guerra Civil Espanhola, passando pela literatura infantojuvenil, o escritor tem uma obra amplamente reconhecida quer a nível nacional, quer a nível internacional.¹ No campo da poesia erótica, conhecemos-lhes uma incursão pelo mundo da intensidade dos sentidos: *O Amoroso*.

Publicado pela primeira vez em 1997, pela editora Campo das Letras, com uma nota do escritor Mário Cláudio e sete desenhos de José Rodrigues, reimpresso, em 2005, pela editora Ausência, com um prefácio do escritor e ensaísta José Augusto Seabra, o livro *O Amoroso* é reeditado com a chancela da Editora Urutau. Esta terceira reedição, revista e aumentada, contém noventa poemas e, a meio do volume,

¹ No âmbito da colaboração com a imprensa da Madeira, a autora deste artigo publicou uma breve nota sobre José Viale Moutinho em <https://funchal/noticias.net/2020/06/09/jose-viale-moutinho>, que aqui retoma. Este apontamento também foi em parte recuperado na introdução ao artigo: “Luzes e sombras: barroquização e utopia em *A ilha das Quatro estações*”, in Leonor Martins Coelho (coord com Ana Isabel Moniz). *A Ilha das Quatro Estações* (de José Viale Moutinho), Coleção Ilustres (des)conhecidos. Nº 9, Funchal: Imprensa Académica, 2021, pp.159-183.

apresenta nove desenhos licenciosos de Mihály Zichy, pintor húngaro, utilizados, também, no livro *Poesie* do poeta veneziano Giorgio Baffo, cuja edição conta com um prefácio do escritor Guillaume Apollinaire.

O intertexto que perpassa na edição da Urutau faz adivinhar uma proposta editorial ousada. Por um lado, o poeta italiano comunga na sua poesia com um certo teor libertino, com uma linguagem carnal e com ambientes eróticos; por outro lado, o escritor francês nascido em Roma, um nome incontornável das vanguardas do início do século XX, introduziu na cena francesa textos de Marquês de Sade, tendo ele próprio publicado cartas sensuais dirigidas a Lou, uma das mulheres que amou; por fim, Zichy, um dos representantes da pintura romântica, ficou conhecido pelas inúmeras obras de um erotismo explícito.

A capa da nova edição do livro de José Viale Moutinho reenvia para a mitologia. Nela, o deus do Amor conjuga erotismo, voluptuosidade e tentação. Eros, sob o ângulo da virilidade e da imponência, encontra-se acompanhado por um diabo jubiloso e uma figura angelical maliciosa. Trata-se de uma tríade que confere ao livro um ar libidinoso, um jeito humorístico e um traço apelativo. Assim, em *O Amoroso* de José Viale Moutinho, o sujeito poético viverá a plenitude dos sentidos, sem a carga de pecado da cultura judaico-cristã, expondo-se nas declinações corpo a corpo com a mulher amada.² Esta *ars* amatória releva, sobretudo, a plenitude sublimada da sedução, da entrega carnal e da fusão dos corpos.

À exceção desta compilação de poemas, o autor não tem publicado na vertente sensorial e licenciosa. Na ficção, mas também na escrita dramatúrgica, o escritor opta quase sempre por entrecruzar tempos, gentes e lugares, de modo a pronunciar-se sobre acontecimentos disfóricos e identidades problemáticas. Tal acontece, por exemplo, com as narrativas breves que compõem *Pavana para Isabella de França* (2007), *Destruição de um Jardim Romântico* (2008), *Velhos Deuses Empalhados* (2010), *Retorno ao Hotel Graben* (2014), *Fechem Essas Malditas Gavetas!* (2014), *Romanceiro da Terra Morta* (3ª ed. 2019), *Monstruosidades do Tempo do Infortúnio* (2019), *A Peste no seu Esplendor* (2021) e *Escritos Goliardos* (2021). Encontramos o tom irónico e sarcástico que lhe é característico na forma parodística de convocar D. Sebastião no romance *Quatro Manhãs de Nevoeiro* (2016).

² Cf. Breve nota de leitura publicada em <https://funchal/noticias.net/2020/09/o-amoroso-de-jose-viale-moutinhp/>

Por sua vez, os textos dramáticos *A Noite de Ravensbrück* (2010) e *Representações Domésticas – Tragédias & Farsas de Pouca Duração* (2011) dialogam, em tom irónico e desencantado, com as dissonâncias de regimes ditatoriais, de modo a serem denunciados os flagelos do século XX. Na poesia, o leitor poderá acompanhar o diálogo que o poeta estabelece com outras vozes, nomeadamente no campo da cultura, da literatura ou da pintura, como acontece, por exemplo, em *Outono: Entre as máscaras* (2003), *Sombra do Cavaleiro Andante. Antologia poética 1975-2003* (2004), *Ocasos de Iluminação Variável* (2005), *São coisas tais efeitos só do acaso?* (2009), *Anjos cobertos de pó* (2014), *A Pessoa Indicada* (2018) ou *Os Cimentos da Noite. Poesia 1975-2018* (2020)³. No conjunto da sua obra poemática, a vírgula em final de cada composição do autor constitui a ‘marca d’água’ do poeta, que assim ensaia múltiplos e renovados (des)concertos do mundo.

Demanda. Vertigem e Erotização

Em *O Amoroso*, a pontuação em final de cada composição poética não existe, contrariando a poética do ‘continuum’ que a crítica literária lhe reconhece.⁴ Neste livro, cada poema de José Viale Moutinho parece ser a concretude e a plena realização dos sentidos, o que poderá ter levado José Augusto Seabra a referir: “Com a sua mestria versificatória, que tende sempre para a contenção extrema, o poeta declina a fala dos amantes, a que finalmente só o silêncio dá “voz” (“a voz?”) no êxtase inefável” (2005: 9).

Esta colectânea de poemas eróticos difere da poesia moutiniana por conter poemas simples, constituídos por breves versos, seguidos de longas pausas. Para José Augusto Seabra, não são “meros exercícios formais, mas verdadeiros exercícios sensuais a e até espirituais, nos sentidos quer erótico até místico do termo” (2005: 9). Trata-se de uma técnica que acentua o sensualismo físico, revelando uma ‘escrita orgásmica’, expressão que tomamos de empréstimo a Urbano Tavares Rodrigues na análise à obra de Manuel Teixeira Gomes. O eixo afetivo da escrita de José Viale Moutinho que perpassa neste volume assenta na

³ Sobre o intertexto que perpassa na escrita poética moutiniana, veja-se, por exemplo, Leonor Martins Coelho, *recensão crítica ao livro A Pessoa Indicada*, in revista *PensarDiverso*, nº 7 - *Insularidades*, Universidade da Madeira, 2019, pp. 175-178. Também poderá ser consultado o artigo já referido: “Luzes e sombras: barroquização e utopia em *A ilha das Quatro estações*” (Coelho: 2021).

⁴ Sobre a vírgula como marca de uma poética do *continuum* em José Viale Moutinho, cf. Vasco Graça Moura, *Discursos Vários Poéticos*, Lisboa, Verbo, 2013.

busca do prazer e na fruição do amor carnal, apresentando-se o despojamento dos versos rápidos a forma que melhor dirá o impulso e o desejo concretizado no ato sexual. Através do cruzamento entre linguagem poética e linguagem erótica, a tensão que impulsiona a contínua demanda do prazer pelos dois amantes revela poemas muito sugestivos. O primado do desejo nestes textos de (inter)ditos apresenta um certo espírito libertino, sem incorrer na libertinagem. A poesia que podemos encontrar neste volume é uma poesia da expressão da libertação e das fantasiosas representações do encontro amoroso, nomeadamente para o eu poético:

e a língua descobre
essa sombra
de carne viva
entre as pernas (2020: 11)

Este primeiro poema, que assim abre a coletânea, antecipa o tom da escrita de José Viale Moutinho. O leitor depreende de imediato que o núcleo fundamental do livro é a relação erótica entre as duas vozes do texto. O poema partilha, de facto, de uma experiência da intimidade notória, revelando que será o corpo, o desejo e a sexualidade a constituírem a centralidade deste artefacto literário.

Em *O Amoroso*, a mulher aceita e busca o ato sexual sem moralismos, permitindo que o ritual erótico tenha por finalidade o prazer e não a procriação, exemplificando algumas interpretações de Francesco Alberoni no seu estudo intitulado *O Erotismo* (1992). Nesta linha de pensamento faz ainda jus à observação de Octávio Paz, ao sustentar, em *A dupla chama: o amor e erotismo* (1993), que nos rituais eróticos, o prazer é um fim em si mesmo, contrariamente à metáfora sexual que, regra geral, está ligada à reprodução. Como sublinha Pierre-Marc Basi, em *Histoire de l'érotisme. De l'Olympe ao cybersexe*, o culto do prazer foi condenado durante largos séculos. Contudo, na hodiernidade, a emancipação dos corpos e dos espíritos permite que a entrega amorosa seja jubilosa e libertadora para ambos os géneros. A demanda do prazer e da sensualidade que nos é dada a ver pelo olhar do amante⁵ contraria os mecanismos de interdição face ao desejo no feminino, sublinhando a emancipação da mulher no campo amoroso:

⁵ Ao publicar a *Antologia de poesia erótica e satírica: dos cancioneros à actualidade* em 1966, pela editora Afrodite de Fernando Ribeiro de Mello, (1941-1992), Natália Correia dá a conhecer poemas licenciosos, desassossegando as práticas culturais e sociais vigentes. Ao mostrar a intensidade dos sentidos, a paixão, a súplica amorosa e o prazer

vens sob a manta
 procurar
 com a língua
 a tua dose
 de fervor (2020: 23)

José Viale Moutinho conhece bem a poesia amorosa da literatura portuguesa. Organizou o livro *Os mais belos poemas de amor* (2004), coligindo poemas que vão desde os cancioneiros medievais até ao início do século XX. O amor cortês canta um amor com nítida carga transgressora aos códigos sociais da época. O erotismo renascentista anseia por prazeres libidinosos, seguindo, por exemplo, o preceito do *carpe diem*. O século XVII nem sempre alcançou a contenção da emoção e o século do Romantismo abre-se à exteriorização da sensibilidade. Diz-nos Jesus Antônio Durigan que o texto erótico é um facto cultural e “se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborado” (1986: 7). Neste sentido, o século XIX revela ora amores desencontrados, ora amores claramente sublimados, fruto da experiência da sexualidade ou da fantasia, que Sigmund Freud veio focar em *Além do princípio do prazer* (1920). O erotismo da contemporaneidade mostra-se saudável e natural, fruto do processo de libertação de tabus e proibições. É este o caminho seguido pelas vozes que compõem *O Amoroso*, afirmando, deste modo, os textos a essência da vida, a plena sexualidade e a demanda de sensualidade erotizada.

Note-se que para Octávio Paz “o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. Assim, o erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora” (1994: 12). Na mesma linha de

intenso no campo da lírica portuguesa com os inúmeros contributos que foram coligidos na antologia, a escritora será importunada pela censura. Quando Maria Teresa Horta editou na década de 70, numa coleção particular, *Minha senhora em mim* também foi perseguida pelo poder instituído. Situação que não veio a alterar a carga erótica que incute à sua poesia. Na sua poesia, a mulher continua a tomar as rédeas da sedução, como antevia o poema ANTECIPAÇÃO: “Entreabro as minhas// coxas// no início dos teus beijos § imagino as tuas// pernas// guiadas pelo desejo §oiço baixo o teu // gemido// calado pelos meus dentes § imagino a tua// boca// rasgada// sobre o meu ventre” (*in* Poesia completa, Lisboa, Litexa, v.1 e v.2, 1983 p. 95).

pensamento, dir-nos-á Elsa Morante que o erotismo é uma afirmação espontânea da vida e um elemento vital da essência humana⁶.

Em *O Amoroso* sobressai um discurso poético-erótico audaz que reenvia para o mistério, a descoberta, o abandono, a vertigem e a pequena morte que o prazer proporciona às vozes do texto, como o poema selecionado exemplifica, através do efeito imagístico muito sugestivo:

bebo-te
 cada gesto
 entrego
 o que tenho
 para ti
 corpo sobre a cama estendido
 entrego assim aos prazeres (2020: 107)

As palavras da poesia moutiniana semiotizam os sentidos e indicam ambientes privados para a efetivação do enlace amoroso. O poeta constrói formas poéticas diferentes da poesia que lhe conhecemos para dizer o ritual de sedução e a iminência da união sexual. Nessa erotização do discurso, José Viale Moutinho não envereda pela descrição simplista do texto pornográfico, optando pelo texto erótico que, num lirismo pouco inocente – é certo –, capta o desejo, a sensualidade e o conhecimento do corpo do outro. Sustenta, portanto, a observação de Francesco Alberoni, para quem “o erotismo é uma forma de conhecimento, um conhecimento do corpo. Do nosso corpo, do corpo do outro...” (1992: 185). Veja-se, neste sentido, como o poema mostra a exploração do corpo da voz amada:

porque se inquieta
 a língua
 no teu corpo

o nó
 entre os dentes
 na semiescuridade
 vã

a alcova
 em chamas

⁶ Cf., ainda, a antologia de Arnaldo Saraiva, *O que é o Erotismo?*. Nela, o autor reúne textos não só de Octavio Paz e de Georges Bataille, mas, também de Wilhelm Reich, Jean-François Held, Max Bense ou Vance Packard.

chama por nós (2020: 99)

Através do ponto de vista lexical, verificamos que o eu lírico opta pela esfera do privado, apresentando-se a escrita poética-erótica como “uma fulgurante comprovação corpo a corpo da linguagem amorosa com a língua” (Seabra, 2005). Os substantivos relevam que a efetivação do conúbio amoroso terá lugar na “alcova”, na “semiescuridade”, longe de qualquer situação de voyeurismo.

O erotismo pode despontar com o simples olhar, como sugere Octavio Paz: “o encontro erótico começa com a visão do corpo do corpo desejado” (1993: 182). Esta observação parece, de certo modo, estar patente no poema “os teus olhos”. No entanto, a atitude comunicativa que passa pelo o olhar da mulher amada é recriminatória. Na perspetiva de Anthony Giddens (1993: 51), o (primeiro) olhar é sempre comunicação. No poema moutiniano, os olhos da amada, provavelmente por aludirem a passado comum, revelam, no entanto, alguma dissonância:

os teus olhos
acusam-me
de um roubo
muito antigo

aí estás
na mão
que perdi
na água (2020: 29)

Refira-se que a poesia erótica nos escritos de José Viale Moutinho aponta, regra geral, para a completude e a concordância dos amantes. A intimidade (re)cria-se no contacto e na pausa que ocorre após as sensações vibrantes. Sem necessitar de um registo obsceno, o corpo, enquanto morada de Eros, torna o amor desejo, paixão amorosa e plenitude sensual. A literatura erótica tende a caracterizar-se pelo “rebaixamento” da língua. Para Mikhail Bakhtin, este “baixo corporal”, evidenciado num estudo sobre a obra de François Rabelais, vem sobretudo sublinhar traços escatológicos no delírio erótico. Nada disso acontece nos poemas de amor e paixão de José Viale Moutinho, muito embora a imagética seja explícita da explosão dos sentidos, como se pode observar na seguinte composição poemática:

Na pele
Secam
os óleos íntimos

como um vestido branco
que não cobre (2020: 14)

Dir-nos-á José Augusto Seabra: “É que, tal como notou Barthes num dos seus *Fragmentos de um discurso amoroso*, para escrever o amor «a linguagem é ao mesmo tempo demasiada e demasiado pouca»” (2005: 7). O poeta vai nesse texto buscar declinações à linguagem não erótica para dela fazer uma linguagem outra: íntima, insinuante, sexual, sem incorrer no impudente ou no pornográfico.

Para Sarane Alexandrian, será necessário estabelecer uma linha diferenciadora entre erotismo e a obscenidade, mais do que entre pornográfico e erótico, conforme sustenta em *História da literatura erótica* (1993: 8). Em seu entender, a pornografia é a descrição dos prazeres carnis ao passo que o erotismo é a descrição revalorizada tendo em conta a ideia de amor. O erotismo é tudo o que torna a carne desejável num jogo deleitável, contrariamente ao obsceno que rebaixa a carne à sujidade, às palavras imundas e às brincadeiras escatológicas. *O Amoroso* apresenta uma escrita pulsional, sem as imagens comuns da escatologia erótica ou pornográfica que as modernidades literárias souberam explorar. Neste livro, nomeadamente no poema acima transcrito, como nas restantes composições poemáticas, o autor organiza de forma elevada o modo como diz o amor, o desejo e a pulsão carnal.

Clássico e moderno, José Viale Moutinho não necessita de padrões comportamentais excessivos, como recorda Georges Bataille no ensaio intitulado *O Erotismo*. Para este estudioso, “o campo do erotismo é o campo da violência, o campo da violação” (2004: 27). Na sua perspetiva, o erotismo não se aparta da sexualidade, nem de um duelo entre duas vozes, apresentando uma certa transgressão que pode existir na tensão da atividade sexual: “Com o sexo os humanos descobrem o que é possuir corpo. Corporeidade significa carência [...] desejo, limite e mortalidade” (2004: 86). A poesia de Viale Moutinho dita antes a experiência do sensível, sendo as imagens a proporem lugares de intimidade, através da exploração imaginativa. A linguagem poética é, pois, espaço de sedução e de experiência sensorial.

O erotismo inscrito nos poemas de José Viale Moutinho permite o jogo dialético entre o sujeito poético e a linguagem. O erótico trabalhado pelo autor reenvia para um jogo semântico insinuante. Será

por isso a carga metafórica da escrita de José Viale Moutinho a exemplificar a união dos amantes e a vincar a condição viril:

sentas-te
no meu colo
recebes
silenciosamente a arte

dentro de ti
a palavra
cresce (2020: 18)

A este propósito Seabra virá dizer que “[a] arte de amar e a arte poética são pois consubstanciais: a palavra irrompe no silêncio interior do corpo amado...” (2005: 8). A modernidade do corpo na poesia moutiniana, a irrefutável paixão amorosa e a organização do poema em torno do íntimo desejo servem para dizer o encontro amoroso. Ao longo do livro, a linguagem remete para um corpo erógeno, para uma pulsão sedutora, para a fusão com a amada, aproximando-se da forma como Octávio Paz diz a união dos sentidos: “o encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Vestido ou desnudo, o corpo é uma presença, uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo” (1993: 182). Veja-se, como a partir do olhar, o poema moutiniano ilustra essa observação:

nesse lago imenso
no fundo
dos teus olhos
o desejo
concentra-se

a pedra
sacode
invade as águas (2020: 46)

Se as composições poéticas assentam na união dos amantes, textos há que resvalam para o silêncio que se instala entre ambos, desvendando o afastamento do casal. Assim, o poema que agora se transcreve, e que foi de igual modo selecionado por Vasco Graça Moura para o livro *366 poemas que falam de amor*, dá a ver, de forma quase cinematográfica, o fim do enlace:

o amor compreende
os fumos

os rumores dos lençóis
 a boca
 devoradora
 esses cigarros escondidos (2020: 37)

Vale a pena recordar as palavras de José Augusto Seabra, para quem a gramática do amor de José Viale Moutinho vai (des)construir regras, numa intencional insubmissão às normas. O leitor pode “recensar e ordenar, paradigmática e sintagmaticamente, as ocorrências e recorrências lexicais, morfemáticas, sintáticas, semânticas desta linguagem erótica” (2005: 9), para melhor apreender essa gramática da pulsão e do desejo. Neste poema em particular, a desconstrução das normas acentua quer os movimentos quer as pausas que simulam o ato dos amantes, numa erotização ainda atenuada. Em alguns poemas, porém, a sexualidade torna-se mais sugestiva. A composição que transcrevemos de seguida, e que dialoga com o excerto do poema de Maria Teresa Horta que nos serve de epígrafe, ilustra uma entrega mais voraz:

aí se desfaz
 a voz
 num golpe
 de rins

bebe as palavras
 da sombra

estrangula (2020: 77)

Nesta composição poética, os versos remetem para a entrega vibrante que resulta do pulsar dos sentidos da voz amada. Noutros textos, ela surge explícita, no que poderia ser uma “estética da experiência orgásmica”:

toco o mais
 íntimo de ti
 com o dedo
 justo do meu corpo

ergues-te, sábia, com a mansidão
 própria
 do veneno (2020: 15)

O autor opta, de modo recorrente, por marcas percetuais, dando a ver o desejo ousado do sujeito poético, quer pelo recurso à repetição final, quer pela referência a uma imagem sexual explícita:

na tua boca
fica o fundo
da minha vida

uma
e outra vez (2020: 21)

Não admira, pois, que José Augusto Seabra venha sublinhar que “o poeta modula em toda a ambiguidade que a palavra comporta: a língua carnal, que logo no *cunilingus* do poema inicial comparece, confunde-se com a língua da escrita poética...” (2005: 8). Numa declarada imagética, este poema sugere essa fantasia erótica, novamente realizada pelo sujeito poético que assim parece manifestar as suas preferências libidinosas.

Como refere Carlos Ceia, no verbete “Literatura erótica”, a delimitação entre pornografia e erotismo nem sempre é consensual. Mario Vargas Llosa afirma, aliás, que não há literatura erótica, mas erotismo em obras literárias, que enveredam pela pulsão sexual, pela fantasia erótica e o direito ao prazer. Italo Calvino veio por sua vez afirmar: “No momento, tudo aquilo que podemos dizer é que no século XX o erotismo não é um motivo poético. O nosso século é o século de Kafka, escritor casto” (1961: 15). Não podemos, contudo, negar a existência de textos carregados de desejo onde os corpos erógenos dos amantes afirmam as descobertas conjuntas da cumplicidade que os une ou a descontinuidade no ato solitário da descoberta dos sentidos. Romances como *Lolita* (1955) de Vladimir Nabokov ou *A insustentável leveza do ser* (1984) de Milan Kundera afirmam a lascívia dos corpos das personagens envolvidas na trama de histórias carnavais e transgressoras. Na poesia portuguesa, por exemplo, poetas e poetisas houve que enveredaram por uma poética corporal, tornando o corpo centro de desejo e de ato sexual erotizado. Dos poetas barrocos à modernidade da escrita no feminino, a chama da sexualidade plena está pensada para o prazer do corpo desejado⁷.

⁷ Veja-se, a título de exemplo, *Charneca em Flor* (1931) de Florbela Espanca. Leia-se a produção de Natália Correia. Consulte-se a poesia erotizante escrita por vozes masculinas, como *Música de cama* (1994) de David Mourão Ferreira. Por ser a linha de relevo na

Nos breves poemas de *O Amoroso* de José Viale Moutinho, a dição do amor dita o poder de Eros e a corporização do desejo sem tabus. Neste volume corpóreo, através de sensações visuais e tácteis, da audição e do paladar, a escrita expressa os efeitos do torpor que se segue à experiência máxima do prazer. Talvez tenham sido estas sensações, que surgem no poema que transcrevemos, que podem ter levado Mário Cláudio a observar que as palavras que pousam no livro de José Viale Moutinho são “sabedoras de mel de afecto” (1997: contracapa):

quando rasgamos
os papéis
de novo
devorámos
o mel

o mel aceso (2020: 25)

Se, para Mário Cláudio, “discurso nenhum convirá, susceptível de lhes desinquietar o silêncio” (1997: contracapa), nesta breve e entrecruzada composição poética, as palavras ditam a realização plena do prazer:

os olhos mortos
a voz rouca
os corpos lassos
húmidos
sobrevivendo (2020: 27)

Nesta poética intimista, estes versos permitem ao sujeito poético evocar os derradeiros passos da íntima fusão. ‘La petite mort’, esse adormecimento que se segue ao ato consumado surge, também, no seguinte poema, explorando a escrita moutiniana uma estética da fusão carnal na sua deleitosa plenitude:

a paz escorre
entre os dedos
amor (meu amor) tolda-se o olhar desliza por
um espelho
nas nossas veias (2020: 48)

Sublinho, em particular, o discurso pessoal dentro do discurso íntimo dado a ver pelo parêntesis desta última composição poemática.

produção de Casimiro de Brito, perscrute-se *Nudez Luminosa* (2020). Atente-se nas várias antologias, como a de José Viale Moutinho ou a de Vasco Graça Moura.

A poesia de José Viale Moutinho não é um tratado de D. Juanismo, mas antes uma declaração à sua amada. Em todo o caso, as pausas, as vertigens ou a entrega à carnalidade da erotização dos sentidos, que os últimos três poemas exemplificam, decorrem no aconchego da alcova dos amantes. Ambos desejam descobrir os sentidos e descobrir-se antes que seja tarde demais, recordando, de certo modo, a temática do *carpe diem*. Neste poema aberto ao desejo, recupera-se o preceito clássico (e sempre atual) de que a vida deve ser vivida:

se as mãos descobrem
a carne
num fio de silêncio

as roupas
esperam
por ali

que seja tarde

demasiado tarde (2020: 33)

(Des)fecho

A sublimação do acto amoroso releva da sensualidade, da voluptia e da entrega carnal. Através de múltiplas metáforas e de inúmeras imagens que reenviam para a isotopia do corpo (língua, seio, ventre, boca, lábios, ombros, nuca, pernas), a carga erótica que perpassa em *O Amoroso* de José Viale Moutinho revela uma língua capaz de mostrar o erotismo como recreação na privacidade dos amantes. O uso erotizado de um vocabulário que não é especificamente erótico, como refere Melo e Castro, permite, também dessa forma, evocar o amor, (d)escrever o enleio e despertar emoções eróticas. Para Octavio Paz, a relação entre erotismo e poesia, ou seja, entre uma poética corporal e uma erótica verbal, representa o erotismo, não como mera sexualidade, mas como sexualidade transfigurada.

Assim, as imagens, as metáforas, as elipses fazem com que as palavras possam exceder os seus 'limites' semânticos dizendo o poema moutiniano mais do que aquilo que está escrito. O jogo de sedução que se estabelece no texto poético mostra a forma como os protagonistas, quer o eu lírico quer a mulher amada, se procuram para, no ato erótico, partilharem o prazer dos sentidos. A busca incessante pelo Outro e a fusão dos amantes permite recordar as observações de Anthony

Giddens, para quem o indivíduo se torna inteiro nessa busca e nesse enlace. Em *O Amoroso*, a poeticidade erótica de José Viale Moutinho é, pois, vista sob o signo do desejo, da entrega à paixão amorosa e do gozo de um amor sensual, através de uma renovada gramática de uma intimidade erotizada e fusional.

Bibliografia

Corpus

José Viale Moutinho (2020): *O Amoroso*, 3ª ed., Pontevedra/São Paulo-Brasil, Editora Urutau.

Crítica e teoria

Alexandrian, Sarane (1993): *História da Literatura Erótica*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Rocco.

Alberoni, Francesco (1997): *O Erotismo*, São Paulo, Rocco.

Basi, Pierre-Marc (2007): *Histoire de l'Érotisme. De l'Olympe au cybersexe*, Paris, Gallimard, col. Culture et Société.

Bataille, Georges (2004; 1ª ed. 1980): *O Erotismo* (Trad. de Antonio Carlos Viana), Lisboa, Moraes Editores.

Calvino, Italo (1961): "Sull'eroticismo in letteratura", in *Nuovi Argomenti* (revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci), nº51-52, Roma, pp. 21-24.

Castro, E. M. de Melo e. (1993): "A palavra erótica em português", in *O fim visual do século XX & outros textos críticos*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Cláudio, Mário (1997): Contrapa *in* José Viale Moutinho, *O Amoroso*, Porto, Campo das Letras.

Ceia, Carlos, "Literatura erótica", in E-dicionário de termos literários (coord. de Carlos Ceia). Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-erotica/> [último acesso: 04/09/2020].

Coelho, Leonor Martins (2019): *A Pessoa Indicada*, in revista *PensarDiverso*, nº 7 - *Insularidades*, Universidade da Madeira, pp. 175-178.

_____ (2021): *A ilha das Quatro estações*", in Leonor Martins Coelho (co-coord com Ana Isabel Moniz). *A Ilha das Quatro Estações* (de José Viale Moutinho), Colecção Ilustres

- (des)conhecidos. Nº 9, Funchal: Imprensa Académica, pp.159-183.
- Durigan, Jesus Antônio (1986): *Erotismo e Literatura*, São Paulo, Ática, 1986.
- Giddens, Anthony (1993): *A Transformação da intimidade. Sexualidade. Amor e Erotismo nas sociedades modernas* (Trad. de Magda Lopes), São Paulo, Editora UNESP.
- Llosa, Mario Vargas: "Sin erotismo no hay literatura", Disponível em <http://www.google.com/search?q=cache:vUpT3XiNm4YJ:www.hacer.org/pdf/PVargas06.pdf+literatura+y+erotismo&hl=es&ct=cInk&cd=16&gl> [último acesso: 04/06/ 2006].
- Morante, Elsa (1961): "Sull'erotismo in letteratura", in *Nuovi Argomenti* (revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci), nº 51-52, Roma, pp. 46-49.
- Moura, Vasco Graça (2009): *366 Poemas que falam de amor*, Lisboa, Quetzal.
- Moura, Vasco Graça (2013): *Discursos Vários Poéticos*, Lisboa, Verbo.
- Paz, Octavio (1993): *A chama dupla – amor e erotismo* (Trad. de Wladir Dupont), São Paulo, Siciliano.
- Rodrigues, Urbano Tavares (1982): *Manuel Teixeira-Gomes – O desejo amoroso*, Lisboa, Edições. 70, 1982.
- Saraiva, Arnaldo (1967): O que é o Erotismo?, Editor Presença, col. "Perspectivas 27.
- Seabra, José Augusto (2005): "Prefácio", in José Viale Moutinho, *O Amoroso*, Editora Ausência, Vila Nova de Gaia, pp. 7-9.